

P. Manuete

Aquele folheto perdido

Quarta-feira, 18 de Junho de 1957

# O FOLHETO

19/6/57

FLU 1  
Set-80

RN

er/

UM tanto cansado das coisas de hoje sempre o «Jornal de Comércio» e desprezo a deuta «Várias» de seu atual diretor para me engolfar na leitura do jornal de um século atrás.

Estamos a 18 de junho de 1857, e talvez esse mesmo sudoeste espanque as espumas desse mesmo oceano verde-cinza. Onde estará a esta hora o pardo Januário? Ele fugiu há mais de três anos da casa do comendador Barroso, que todavia não cessa de procurá-lo. Deve valer alguma coisa, o pardo escravo, pois o comendador promete 300 mil réis a quem o prendá, e ameaça quem lhe tenha dado homizão e escapula. Esconde-te bem, pardo Januário!

Quem chegou foi o Braguinha, e chegou botando falação pelos jornais, o Braguinha da Fama do Café com Leite. Trouxe para vender novos aparelhos e máquinas, maravilhosos café, chá superior, belo chocolate, mas é desagradável o Braguinha ao chamar os fregueses e dizer: «Aqui se encontra tudo do bom e do melhor, contanto que tragam os cobrinhos porque vales não se recebem cá». E ainda nos diverte que «quanto dos afamados sorvetes de 320 réis, só haverão em noite de espetáculo, e isto quando não chover; e quem os quiser saborear nos camarotes deve prevenir com antecedência para não haver falta». Dá vontade de ir lá, bater à porta do Braguinha, e perguntar: «Hoje haverão sorvetes?».

O jornal reclama contra a demora na saída das mercadorias da Alfândega, que dá prejuízos ao comércio, e diz candidamente «estamos certos de que o governo não deixará de prestar a devida atenção». Pois sim, colega.

Há outras notas — uma reunião de conservadores para estudar a resposta à Fala do Trono, e anúncio de um professor de caligrafia, «inventor da letra corrida comercial», leilão de bens incluindo dois escravos, um bote e um oratório de ouro e prata, e que tudo pode ser visto da casa de finado, na Praia Pequena — mas triste, triste me parece este aviso:

«Perdeu-se ou roubaram, na noite de 15 de corrente, a uma preta embriagada, uma trouxa de roupa suja, em que havia também uma panela de barro e um folheto».

Penso nessa remota negra embriagada, nessa humilde trouxa de roupa suja, nessa panela de barro e nesse famoso folheto. Que dizia o folheto? Ah, negra cachaceira, que fizeste do folheto? Cem anos depois de tua bebedeira eu fico cismando nesse folheto; e elhando o mar e pensando na vida e na minha impossível amada, e na tristeza dos tempos que vão, imagine que talvez esse folheto trouxesse a palavra essencial; ali devia estar escrita a explicação das coisas, ali o consólio de nesse peito, ali a senha de nesse destino.

Perdeu-se, perdeu-se para sempre o folheto escondido numa panela de barro dentro de trouxa de roupa suja, nas mãos de uma negra bêbada. Venta, sudoeste frio, venta, acabrunha esse mar e este país tristonho, que se perdeu o folheto; e como encontrá-lo agora, sem anos depois, e folheto que seria a salvação do povo, que teria a última palavra de esperança, e se perdeu na noite?